

Cecília Paiva Ximenes Rodrigues. *Itinerários para o silêncio*. Fortaleza: Aliás Editora, 2023. 142p.

Because darkness is merely
the moment of waiting
for splendor
Margara Russotto

É bom o que é leve; tudo o que é divino
se move com pés delicados.
Friedrich Nietzsche

Ao longo do percurso através dos 42 poemas que compõem *Itinerários Para o Silêncio* de Cecília P. X. Rodrigues, somos sutilmente conduzidos por caminhos de silêncios em leveza que nos impelem para momentos de suspensão contemplativa. Densamente leve, o silêncio, longe de ser ausência, transforma-se em presença viva e pulsante, habitando espaços repletos de significado que ultrapassam o tangível e convidam a percorrer territórios onde o não-dito e o sutil adquirem uma força transformadora, permitindo alcançar dimensões para além do que as palavras podem expressar. A epígrafe de Margara Russotto ecoa ao longo do livro, lembrando-nos que a escuridão é, antes de tudo, um momento de espera em suspensão pela revelação, indo ao encontro de *Itinerários Para o Silêncio* na suspensão e na busca do que está para além do silêncio da palavra. Essa espera não se traduz numa atitude passiva, mas sim em formas de acolhimento atento, agindo como escutas que permitem o florescimento do divino e que encontram na leveza a sua força maior, como nos recorda Friedrich Nietzsche (1844-1900).

Neste contexto, versos e poemas dançam em harmonia de suavidade quase etérea, como se tocados pela brisa tênue do poder regenerador. A delicadeza da poesia de Cecília P. X. Rodrigues é sentida não apenas nas palavras que escolhe, mas também na forma como nos convida a entrar nos espaços e nos tempos gerados em reticência, onde cada poema tem um peso quase evanescente, mas absolutamente essencial para o nosso itinerário apontado pelo título do livro, coadjuvado logo pelo primeiro poema intitulado “Itinerário para o

silêncio I”. Neste poema, é-nos dado a conhecer o caminho que nos espera, um caminho povoado de memórias, de afagos que convidam à abertura e à trégua:

estes versos
são
um murmurinho
sussurro
de ventos longínquos
afagando os sentidos

permissão dada
convidam à trégua
à abertura

itinerários
para o
silêncio (p. 16)

No conjunto dos 7 poemas que compõem a seção I, Cecília P. X. Rodrigues congrega também reflexões acerca do processo de escrita, como se observa nos poemas “Impulso” e “Livro”, onde a intuição acontece em “(...) em flashes / num átimo / meu olhar / vislumbra composições / minha mão / inscreve rompantes // à revelia / teço arroubos” (p. 18) porque “tem um livro / engasgado / aqui dentro / que asfixia (...)” (p. 26), onde “(...) além do objeto estético / o ser humano, a natureza / além do intelectual / a mulher, a criança, o pássaro / ressignificando // na caminhada matinal / o canto gospel / entre arbustos / rebenta beleza / pausa e suspensão / súbita comunhão com o sublime” (p. 22), terminando “Portal” com a pergunta: “(...) cotidiano e experiência estética / com quantos poemas se faz um livro?” (p. 26).

Cada verso é uma paragem, uma suspensão que urge retardar os tempos da vida onde “tudo já foi incansavelmente dito / a história de amor / a briga entre vizinhos / a morte no front de guerra / a solidão da velhice / a última mirada inocente da criança // e / mesmo assim // o grito é teu / pele sonora / vibrando / ecos” (p. 24) que se repercutem através dos movimentos físicos observados no conjunto II constituído por 5 poemas revelando lugares físicos onde a viagem se instala em provocações de sutilezas colossais como acontece no poema “Corredor verde”, descrevendo a experiência dos sentidos em Oklawaha Greenway, Carolina do Norte, EUA: “quando viajo / o mundo diminuto / se agiganta / em mim // (...) a sabedoria Cherokee ecoa em mim / consegues esperar a lama assentar / e a água revelar sua limpidez? / consegues de-sa-ce-le-rar? (...)” (p. 34). Em Espanha, nas Astúrias, Llanes, o

deslumbre “das montanhas beirando a estrada (...) o encontro com “novos olhares”, com o “sorriso fácil” (...) “dos campos verdes” são “odores que sensibilizam” (...) o “eu, errante” (p. 36). Na errância proposta por Cecília P. X. Rodrigues e amparados pela epígrafe de Tao Te Ching, “Ir longe significa retornar” (p. 38), ancoramos no poema “Lisboice qualquer”, onde a errância da voz poética e do “(...) olhar curioso / sente calma e lentidão / na velha metrópole”, onde o encontro com “(...) um rosto familiar / me transporta / a um lugar / intimamente meu (...)” (p. 38).

Nos dois últimos poemas da parte II, “Descanso da viajante I” e “Descanso da viajante II” (p. 40-41, 44-45), a pausa transporta-nos para a realidade de quotidianos de “(...) zunido na cabeça, olhos que teimam em não abrir direito (...)” (p. 40) e que confessam: “eu não sabia / que ao dar vida a outro ser / uma lasca de vida seria retirada de mim // (...) só o peso da responsabilidade / que se infiltra pelas fretas da casa / pelos poros do corpo / sorrateira, se apossa de tudo / eu não sabia” (p. 44). No desconhecimento confessado, Cecília P. X. Rodrigues dá voz a um outro itinerário na sua poesia – o itinerário da maternidade, refletindo uma relação de ternura e proteção a acentuar o vínculo materno como um espaço de descoberta mútua, onde o crescimento do filho simboliza também um renascimento emocional para a mãe que escreve ao “Filho meu”:

“Com ele aprendo a desaprender, a me embeber de origem.

“Fim de semana passado, ele coletou flores invernais e as colocou numa bolsa, presente pra mama. As flores foram perdendo o viço carmesim e adquiriram um amarronzado baço, ‘é só diferente, mama’” (p. 52).

As palavras ganham vida com uma simplicidade tocante, destacando-se os pequenos gestos e momentos que formam a essência desse relacionamento tão único, como ilustra o poema

Ying yang

uma mãe também pare para a morte
a sua
a do filho

corpos
transpassados
pela linguagem do fogo (p. 54)

Os poemas ao filho edificam a possibilidade da reconstrução memorialística da infância, apontando para a permanência de geografias emocionais que abrem caminhos para

a presentificação de reflexões, como nos lembra o poema “Infância vegetal”: “(...) e as lembranças, pairam no sertão em noite de luar? / o antigo terreno da vó, seguirá vivo nos ventos de agosto?” (p. 70). As perguntas instaladas adensam a memória dos lugares que atravessam Cecília X. P. Rodrigues em percursos de encontros onde “(...) o reencontro após anos / desprende em mim / algo fossilizado / luto / dor / desespero // (...) algo arcaico em mim desperta / atravessamento histórico / homeostase / cura” (p. 76-77). Do encontro com a “Geografia” (Fortaleza, Ceará), a emoção e a pausa permitem o pedido: “beija meus lábios / permito que adentre / cosmos sagrado // parte meu coração / uma e outra vez / nem todo o sentimento / nem todas as palavras / do meu verbo / podem mudar os fatos (...)” (p. 80).

O amor, presente em todos os poemas, toma lugar explícito no coração de *Itinerários Para o Silêncio* no conjunto de 5 poemas que integram a parte V. Em “Simulação de amor”, “se faz tarde / e o tempo interior / se impacienta (...)” (p. 88) para o encontro com o “uroboro celeste / esfera cósmica / eixo onde orbitam / sol, lua, planetas / eu e você // no livro apócrifo da vida / meu fado se uniu ao teu / ciranda imemorial” (p. 94), palavras de “Zodíaco”, poema dedicado a Frans. E novamente em “Instante”, último poema desta seção, a voz poética sussurra: “vem / que meu tempo / se impacienta // lá fora / as flores caem / uma a uma / da roseira carregada” (p. 96). O “tempo que se impacienta” simboliza também o corpo feminino onde o tempo se deita – seja através do desejo, das marcas físicas e/ou emocionais.

É no corpo deste conjunto de 13 poemas que o tempo encontra a sua expressão mais íntima, revelando fragilidades, forças e ciclos que podem ser tanto pessoais como universais. O corpo feminino, ao mesmo tempo vulnerável e resiliente, transporta as impressões do tempo em diferentes dimensões, revelando-se o “Eixo” de todas as temporalidades: “meu corpo / é o templo / da minha existência // (...) esta carne / esta pele / este rio de sangue / corre na tua direção // meu corpo reencena / temporalidades” (p. 110). Na manifesta “(...) expansão supersônica / no meu peito”, “(...) esse céu rosa-laranja / me arrasta pra dentro, vendaval” porque “há uma vida íntima / em ebulição aqui dentro / intensa, ela grita / geme / avassaladora, / irrompe enxurrada / ondula raios de energia / misteriosa” (p. 112, 122, 124) em revelações de registros invisíveis que habitam o corpo como memória viva, tornando-o reflexo das alegrias, dores e transformações da vida.

Uma das peculiaridades marcantes de *Itinerários Para o Silêncio* é a tradução dos poemas do português para o inglês, contraste linguístico que enriquece a leitura, permitindo

que cada língua complemente e expanda as possibilidades interpretativas da outra. Por outro lado, a sua composição bilíngue não apenas viabiliza a leitura dos poemas nas duas línguas, mas também ressalta o fascínio exercido pela psicologia da linguagem e pelas questões de identidade. A presença das duas línguas dialoga com a natureza intrínseca do próprio texto poético, ampliando a sua acessibilidade e evocando reflexões acerca do modo como as palavras moldam a percepção do eu e do outro. Como afirma Cecília P. X. Rodrigues, “[v]iver entre culturas e línguas significa existir entre mundos. Só uma língua não daria conta de abarcar o que que queria expressar. Somente as duas poderiam trazer algum senso de completude. O Frans fez isso acontecer” (p.134), acentuando a ideia enriquecedora de que, normalmente, somos diferentes quando falamos outras línguas.

Com edição fotográfica de Dirceu Rodrigues, *Itinerários Para o Silêncio* destaca-se também pela integração harmoniosa entre palavra e imagem. As 7 fotografias a preto e branco constituem-se como o introito de cada seção, ampliando os sentidos do texto poético e oferecendo novas camadas interpretativas as quais imprimem ao conjunto de poemas atmosferas que entoam e aumentam a dimensão sensorial da leveza e da delicadeza dos itinerários partilhados por Cecília P. X. Rodrigues.

Poesia de abrigo e concha, *Itinerários Para o Silêncio* é uma poesia atomizada que se constrói a partir da ideia de fragmentação e infinitude, onde cada verso, como um átomo, é uma unidade mínima que carrega em si um potencial imenso de significados e de conexões. Cada palavra, cada sílaba paira num universo poético que, por mais pequeno que seja, possui uma imensa capacidade de gerar imagens e emoções, como a menor partícula de matéria que compõe algo muito maior e complexo. Ideias e emoções dispersam-se e entrelaçam-se de forma quase impercetível, mas com um poder que se vai acumulando constelação após constelação. *Itinerários Para o Silêncio* apresenta também o encontro e o reencontro das palavras, a sua dispersão em rearranjos na criação de relações e novos significados, constituindo-se como uma poesia que desafia a linearidade, que provoca o movimento do pensamento, a fluidez das ideias e a capacidade de criar dinâmicas através das quais o todo se constrói sem perder a sua complexidade e a sua beleza orgânica.

Itinerários Para o Silêncio, livro de poesia inaugural de Cecília P. X. Rodrigues, revela-se como uma voz promissora e instigante da poesia contemporânea brasileira, desdobrando-se em jornadas que conduzem ao âmago do universal e da singularidade que

assiste o ser humano. Oferecendo espaços e tempos de encontros que seduzem, os poemas de *Itinerário Para o Silêncio* convidam-nos à introspecção e à suspensão refletidas em ecos muito para além das suas páginas, acompanhando-nos através de itinerários de afetos que, como fragmentos preciosos, são transportados na concha da mão de Cecília P. X. Rodrigues. Nesse gesto simbólico, prefigura-se a gestação de um contexto onde o silêncio se configura com uma ponte para a intimidade, conectando sentimentos e memórias na revelação de camadas e preguiçosos de sensibilidade.

A travessia de *Itinerários Para o Silêncio*, sustentada pela força evocativa da palavra, é um convite a adentrarmos na complexidade das relações humanas, na efemeridade dos momentos e na quietude que habita as entrelinhas da experiência afetiva. Essa experiência, simbolizando o abrigo e a proteção de sentimentos profundos, é guardada na suavidade e na delicadeza do toque entrançado da poesia que revela os mistérios do ser e do sentir – mistérios que pulsam como um coração, vibram entre a dobra e o itinerário, o silêncio e a palavra, tecendo delicadezas recatadas na leveza da concha da mão. É nesse espaço íntimo que as emoções se tornam visíveis, onde cada silêncio e cada palavra se entrecruzam, desvelando a complexidade da experiência humana porque

o estímulo de luz
escrita visual
foto-grafia
gera onda de calma
pelo meu fatigado corpo
traçando
itinerários
para o silêncio (p. 126)

REFERÊNCIAS

NIETZSCHE, Friedrich. *O caso Wagner: um problema para músicos. Nietzsche contra Wagner: dossiê de um psicólogo*. Tradução, Notas e Posfácio Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 11.

RUSSOTTO, Margara. “Reversible Childhood”. In: *Memory of Species. Selected Poems*. Massachusetts: Červená Barva Press, 2023, p. 92.

Susana L. M. Antunes

University of Wisconsin-
Milwaukee